

“Conceptual foundations of schizophrenia: I Degeneration;  
II Disintegration and division”

Robert J. Barrett

*Australian and New Zealand Journal of Psychiatry* 1998, 32: 617-641

Resenhado por: Silvia Inglese Ribes

## Conceptual foundations of schizophrenia

Muitas doenças, no campo da psiquiatria e também de outras especialidades médicas, são construções teóricas determinadas pela cultura e pela história. Desvendar e analisar os fatores culturais envolvidos na concepção de determinada doença é um desafio intelectual hoje em dia pouco aceito pelos pesquisadores. Barrett, entretanto, é um daqueles que levou a sério esse desafio e, nos dois artigos mencionados acima, se propõe a examinar os fatores históricos e culturais concorrentes para a criação do conceito de esquizofrenia.

A noção de esquizofrenia surge no século XIX a partir do conceito de *Démence Précoce* de Morel e sobretudo a partir da definição kraepeliana de *Dementia Praecox*. Essas noções foram se configurando a partir da observação de pacientes internados em asilos, justamente aqueles casos mais graves e de pior prognóstico. É esse o contexto histórico em que surge o conceito de esquizofrenia e Barrett faz questão de colocá-lo em evidência, pois entende que é justamente na interação entre idéias e instituições sociais que se pode obter uma visão mais abrangente da história da psiquiatria. Assim ele se opõe a posições que defendem uma história “intelectual”, baseada principalmente nas idéias, como a defendida por Berrios.

Na sua pesquisa, Barrett pretende mostrar como o conceito de esquizofrenia foi engendrado a partir dos valores culturais ocidentais do século XIX, mais especificamente no modo pelo qual essa noção se constitui a partir da idéia de uma falha básica na noção de sujeito do século XIX. Entre os atributos que caracterizavam o sujeito, Barrett destaca a idéia de progresso e unidade. Uma falha no ideal de progresso ou na obtenção e manutenção da unidade interior passa a caracterizar a esquizofrenia. A idéia de unidade e de um eu interior reflexivo foi introduzida na medicina pelo movimento romântico e veio acompanhada pela noção de cisão identificada à doença mental. Dentro desse contexto, segundo Barrett, é que Kraepelin considera a esquizofrenia a perda da unidade interior, e que Bleuler a define pela cisão das diferentes funções psíquicas.

Em linhas gerais essa é a pesquisa apresentada por Barrett nos artigos em questão, que aliás constituem uma versão modificada e resumida do capítulo 7 do seu livro *The psychiatric team and the social definition of schizophrenia: na anthropological study of person and illness* (Cambridge University Press, 1996). Entretanto, eu teria ainda duas considerações a fazer. A primeira delas refere-se à pesquisa histórica em psiquiatria. Esse é um assunto que ainda não foi devidamente explorado e que, para tanto, uma discussão sobre a técnica historiográfica se faz em bom momento. Nesse sentido acho muito instigante a discussão entre Berrios e Barrett sobre o tema, publicada nas páginas seguintes ao artigo em questão. Talvez seja essa discussão, ainda que sucinta, que confira ao artigo um maior interesse. A segunda consideração refere-se à preocupação de Barrett com a atualidade do conceito de esquizofrenia. Ele pretende demonstrar que a mesma estrutura cultural que no século XIX fundamentou o conceito de esquizofrenia, continua presente nos dias de hoje, sobretudo nas pesquisas das neurociências. As pesquisas nesse campo tratavam da neurodegeneração e agora se ocupam principalmente da desintegração neurofisiológica como processo central da esquizofrenia. Admitindo a hipótese do autor podemos considerar a pertinência do desenvolvimento de novas categorias clínicas mais condizentes com o nosso tempo. Esse seria, no meu entendimento, o desdobramento mais profícuo de uma pesquisa em história da psiquiatria.